

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DCSO - Departamento de Comunicação Social
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo

Grande Reportagem – Imigrantes em Bauru: As histórias de três
pessoas de diferentes partes do mundo que escolheram viver no
centro-oeste paulista

Bauru

2016

Heitor Carvalho Jorge

Sara Sacchi e Souza

Imigrantes em Bauru

Conheça a história de três homens de diferentes partes do mundo que vivem no centro-oeste paulista

Bauru - Cidade de Imigrantes

O município de Bauru, antes um lugar inóspito e com terras mais inférteis que no restante do território paulista para o cultivo de café, mostrou sua vocação cosmopolita logo no início do século XX, quando foi escolhido como ponto de partida de uma nova linha férrea ligando Bauru a Corumbá, no Mato Grosso do Sul, junto à fronteira com a Bolívia, administrada pela companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Ao contrário de outras ferrovias paulistas, a Estrada de Ferro Noroeste foi criada não para atender uma demanda pré-existente, mas para abrir territórios despovoados para a exploração de áreas para a agricultura e povoamento. Na época, a região localizada a oeste da cidade de Bauru era identificada como “zona desconhecida habitada por índios”.

Posteriormente o trecho passou a ser popularmente conhecido como “Trem da Morte”, por ter sido usado para transportar leprosos, doentes e corpos de vítimas de uma grave epidemia de febre amarela que se abateu sobre a região da cidade boliviana de Santa Cruz de La Sierra. Depois da Revolução de 1930, os cortes de gastos propostos pelo governo provisório atingiram diretamente as ferrovias federais. Com isto, o Sindicato dos Empregados e Operários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foi organizado e fundado em 1933 e no fim daquele mesmo ano já contava com mais de 2 mil filiados.

A zona noroeste do estado, que se desenvolveu rapidamente após a chegada da ferrovia, tinha em 1900 uma população de apenas 7.815 habitantes, enquanto na terceira década do século XX, a população da região já havia aumentado em 80 vezes. Com o colapso do sistema escravocrata e o crescimento da produção cafeeira, a necessidade de mão-de-obra agrícola tornou-se um dos grandes problemas

enfrentados pelos produtores, sendo que a solução foi encontrada com a vinda de imigrantes.

O primeiro período forte de imigração corresponde aos anos entre 1887 e 1900, sendo que apenas no ano de 1895 houve a entrada 139.998 imigrantes. Em 1905 foi criada a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, órgão do governo responsável por desenvolver e fiscalizar contratos entre imigrantes e fazendeiros.

A zona noroeste chegou a absorver mais de um quarto da imigração paulista e a origem dessas levas de imigrantes era diversificada. Até 1925 havia predominância de italianos, seguidos de espanhóis, portugueses e, em menor quantidade, de escravos, sírios, japoneses e outras nacionalidades. Após este período, a migração de brasileiros vindos da região nordeste para o território paulista ganha força, enquanto que a imigração diminui.

Na segunda metade do século XX, durante o regime de Getúlio Vargas, é criado o programa “Marcha para o Oeste”, cujo objetivo central era incentivar a ocupação de regiões ainda inóspitas do território brasileiro. Este projeto demográfico acabou por fazer com que migrantes e imigrantes se fixassem nesta região do estado, ajudando a consolidar Bauru como o principal polo urbano, logístico e econômico do Oeste Paulista.

É nesse contexto que três imigrantes decidem se mudar para a cidade de Bauru. Na atualidade, a cidade já é consolidada como a maior da região do centro-oeste paulista, sendo o lar de diversas universidades públicas e privadas e de institutos médicos, como o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, da Universidade de São Paulo (USP). O “Centrinho”, como é carinhosamente conhecido, é referência em toda a América Latina na sua área de atuação. Devido ao hospital, o fluxo de migrantes e imigrantes à procura de tratamento é grande.

Vincent Ddamba é uma dessas pessoas que chegou a cidade de Bauru a procura de tratamento. Vincent nasceu em 1978, no Quênia. É o sétimo filho de 13 irmãos. Toda sua família é originária de Uganda, mas devido ao cruel ditador Idi Amin, Vincent não pode nascer no país, e sua mãe foi ao Quênia para seu parto. Menos de um ano após seu nascimento, Vincent ao seu país de origem.

As universidades de Bauru também influenciam na vinda de diversos imigrantes para a cidade. Alguns vem em intercâmbios, para estudos temporários, outros vivem aqui a vida toda. Esse é o caso de Francisco Flores, um salvadorenho, que decidiu deixar seu país natal devido a uma guerra civil e encontrou no Brasil, em Bauru, um refúgio. Através da Embaixada do Brasil em El Salvador, conseguiu o chamado “Convênio de Estudante”, que consiste na oferta de vagas de ensino superior feitas pelo governo brasileiro para estrangeiros. Através disso, ele conseguiu ingressar no curso de Tecnologia de Processamento de Dados, em Bauru. Na época o curso era ministrado na Fundação Educacional de Bauru, que posteriormente se tornou a Universidade Estadual de São Paulo (Unesp).

A guerra em El Salvador ao passar do tempo apenas piorou. Em 1991, o risco de morte era eminente no país, principalmente na capital San Salvador, onde a família de Francisco ainda vivia. Foi então que ele conseguiu convencer seus pais e seu irmão mais novo, Williams Ernesto Flores Puente a vir para o Brasil. Williams, nascido em 1970, deixou sua terra natal em 1991, aos 21 anos. Inicialmente teve muitas dúvidas sobre a sua vinda, pois teria que deixar seu curso de seminarista, porém, com o passar dos anos, se estabeleceu no país.

O terceiro imigrante abordado é natural do Chipre, uma ilha entre a Turquia, a Grécia e Israel. Alex Mita nasceu em 12 de maio de 1974, em Nicósia, capital do país. Mita nunca havia ouvido falar na cidade de Bauru, até que na Inglaterra, em um curso de fotografia, conheceu Luciana Franzolin. Luciana é bauruense e estava no Reino Unido para estudos. No período em que esteve no país, ela e Alex se apaixonaram e decidiram se mudar para Bauru.

Vincent Ddamba – Uganda

Uganda é um pequeno país sem costa marítima localizado na África Oriental. Com uma população de cerca de 37 milhões de pessoas, faz fronteira com Sudão do Sul, Tanzânia, Quênia, República Democrática do Congo e Ruanda. O território atual do país foi ocupado pelos primeiros seres humanos há cerca de 2.300 anos, quando

populações falantes do idioma banto imigraram para a região. No final do século XIX o país se torna um protetorado do Império Britânico.

Uganda conquistou sua independência política da Grã-Bretanha em outubro de 1962. A primeira eleição pós-independência foi vencida por uma aliança entre o Congresso do Povo de Uganda (UPC) e o Kabaka Yekka (KY). Os partidos políticos UPC e KY então formam o primeiro governo pós-independência com Milton Obote como primeiro-ministro executivo, o Buganda Kabaka (rei) Edward Muteesa II mantendo a posição, em grande parte cerimonial, de presidente. Em 1967, uma nova constituição proclamou Uganda uma república e aboliu os reinos tradicionais. Sem antes convocar eleições, Obote foi declarado o presidente executivo.

Depois de um golpe militar em janeiro de 1971, Obote foi deposto do poder e o ditador Idi Amin tomou o controle do país. Amin governou Uganda com os militares durante os oito anos seguintes e realizou assassinatos em massa dentro do país para manter seu governo. Estima-se que mais de 300 mil ugandeses perderam suas vidas durante seu regime, muitos deles no Norte, que ele associava com partidários do deposto presidente Obote. O governo de Amin foi marcado também por repressão política, perseguição étnica, execuções extrajudiciais, nepotismo, corrupção e má gestão econômica. As atrocidades de Amin foram graficamente contabilizadas no livro *A State of Blood*, de 1977. A crueldade do governo também foi representada em diversos filmes, como *O Último Rei da Escócia* (2006), uma adaptação cinematográfica do romance homônimo de Giles Foden.

Em 1978, o número de adeptos e associados a Amin encolheu significativamente e ele passou a enfrentar uma crescente dissidência dos ugandenses pelo colapso da economia e da infraestrutura como resultado de anos de negligência e abusos. Em novembro de 1978, Amin acusou o presidente tanzaniano Julius Nyerere de fazer um ato de guerra contra Uganda e ordenou a invasão do território tanzaniano, ao anexar formalmente uma seção da região de Kagera.

O economista e professor Vincent Ddamba é o sétimo filho de uma tradicional família africana de 13 irmãos, toda originária de Uganda. No entanto, devido ao governo cruel do ditador Idi Amin, Vincent não pode nascer no país, e sua mãe foi ao

Quênia para seu parto. Um ano após seu nascimento, com a queda do ditador, a mãe de Vincent retorna para a cidade de Bamunanika, localizada a 52 quilômetros da capital ugandense, Kampala. Com o pai economista, que trabalhava para o governo, a família tinha estabilidade econômica no país, e assim todos os filhos, mais os parentes viviam em uma grande casa na cidade. Vincent recorda dos momentos com carinho. “Eu adorava minha infância. Foi muito bom crescer com meus irmãos e primos, todos vivendo juntos”.

Em janeiro de 1979, Nyerere mobilizou as forças armadas do país e contra-atacou, apoiado por vários grupos de exilados ugandenses que tinham se unido ao Exército de Libertação Nacional do Uganda (UNLA). O exército de Amin recuou de forma constante, e, apesar da ajuda militar da Líbia de Muammar Gaddafi, Amin foi forçado a fugir para o exílio por helicóptero em 11 de abril de 1979, quando foi capturado Kampala, capital do país.

Vincent explica a guerra em seu país através de um exemplo bem brasileiro. “Imaginemos o Brasil e seus dois principais partidos políticos: o PT e o PSDB. Um líder do PSDB recebe uma ajuda da Inglaterra, mas o presidente do partido não aceita as regras da Inglaterra. Então a Inglaterra para de ajudar o PSDB e passa a dar armas ao PT, para tirar os pessedebistas do governo. E isso se repetia constantemente”.

Após o colapso do regime de Amin, há um breve retorno de Obote, deposto novamente em 1985 pelo general Tito Okello. Okello governa por seis meses até que também é deposto. Isso ocorreu após a chamada guerra civil ugandense pelo Exército de Resistência Nacional (NRA), sob a liderança de Yoweri Museveni e por vários grupos rebeldes, incluindo o Movimento Democrático Federal de Andrew Kayiira e outro grupo liderado por John Nkwaanga. Durante a guerra, o exército realizou assassinatos em massa de não-combatentes.

Em 1985, Vincent tinha apenas sete anos e diz se lembrar das pessoas que moravam nas vilas tendo que deixar suas casas. “No meu país, vivemos na cidade e nas vilas. Nas vilas as pessoas vivem com os animais, o que no Brasil chamam de sítio. Com a guerra civil, as vilas começaram a ser invadidas e começaram inúmeros

roubos. Não havia nenhuma organização. Lembro do medo de morrer a qualquer momento. Por sorte nossa casa ficava na cidade e estávamos mais protegidos. Mas tudo isso afetou meu crescimento como uma pessoa. Eu odeio guerras. Eu não gosto de pessoas que falam alto, gritam, que são agressivas. Fico assustado”.

Os partidos políticos em Uganda tiveram suas atividades restritas, em uma medida ostensivamente projetado para reduzir a violência sectária. No sistema apartidário instituído por Museveni, os partidos políticos continuaram a existir, mas eles só podiam operar em um escritório sede. Eles não podiam abrir filiais, realizar comícios ou lançar candidatos diretamente (embora os candidatos eleitorais pudessem pertencer a partidos políticos). Um referendo constitucional cancelou esta proibição em julho de 2005.

Sua presidência foi marcada, no entanto, pela invasão e ocupação da República Democrática do Congo, durante a Segunda Guerra do Congo, o que resultou em um cerca de 5,4 milhões de mortes desde 1998, e pela participação em outros conflitos na região dos Grandes Lagos da África. Ele tem lutado durante anos na guerra civil contra o Exército de Resistência do Senhor, que tem realizado diversos crimes contra a humanidade, incluindo a escravidão infantil e assassinatos em massa. Conflito no norte do Uganda já matou milhares e milhões de deslocados. Após vencer as eleições de 2011, apesar de várias denúncias de corrupção e fraude eleitoral, Museveni permanece como presidente do país.

Em 1986 houve o fim da guerra civil, através de um golpe do ainda atual presidente Yoweri Kaguta Museveni. Segundo Vincent, nenhum outro presidente é eleito pois a população tem medo de outra guerra e ela sabe que para Yoweri deixar o poder, terá que ser através da resistência armada.

Universidade e saída de Uganda

Com o passar dos anos, o ugandense decidiu seguir os passos do pai e estudar economia na Universidade. Ao terminar a Universidade, aos 22 anos, Vincent estava noivo, e havia decidido se casar. No dia em que seriam trocados os dotes do casamento - na tradição ugandense os homens é que dão os dotes - a noiva de

Vincent disse a ele: “Eu não quero me casar, estou com medo, não sei o que quero para a minha vida.”

O economista então ficou sem saber como prosseguir a vida. “Em Uganda sua vida é programada. Você vai para a escola, depois você se forma, depois você se casa. Depois de se casar você tem filhos. Esse é o ciclo. Quando ela disse não, eu entrei em crise. Não estava feliz, pois eu achei que tinha perdido o amor da minha vida. Então eu fui a um local onde tive que ficar por uma semana, e pensei em um plano B”. O “plano B” consistia em se candidatar a uma bolsa de estudos paga pelo governo britânico, que devido a colonização sempre disponibilizava bolsas de estudos aos ugandenses que tinham as melhores notas.

Vincent se destacava na escola e na universidade. Seu pai fez questão de ser rígido com os estudos dos filhos e repetia a todos “a melhor coisa que eu posso deixar para vocês quando eu morrer é educação”. Por isto, não foi difícil conseguir ser aprovado para a bolsa de estudos. As bolsas disponibilizadas eram para apenas três países: Austrália, Índia e Itália. Procurando conhecer um novo idioma e viver no continente europeu, Vincent escolhe estudar na Itália.

Itália

A mudança de continente não foi fácil para Vincent. Antes de chegar ao continente europeu ele não falava italiano e teve que aprender a língua em apenas um ano, para poder iniciar a especialização em economia. “Eu sofri muito quando cheguei a Itália. Eu estava saindo pela primeira vez da África Negra e indo para a Europa. Não foi fácil me adaptar, pois a Europa é um continente muito desenvolvido e as coisas eram totalmente diferentes. E para piorar eu não falava uma palavra de italiano”.

A adaptação foi difícil, mas após um ano Vincent já conseguia dominar a língua e deu início a sua especialização. Foram anos de estudo nas cidades de Roma e Florença até que o ugandense decidiu que era o momento de dar início a um tratamento dentário que ele postergou por anos.

Vinda para o Brasil

Quando Vincent nasceu ele tinha todos os dentes saindo para fora de sua boca, além de sete dentes a mais que o normal. Durante toda a sua vida ele teve vontade de fazer o tratamento, mas devido ao alto custo, não teve condições. Com a finalização da especialização na Itália, era o momento de começar a procurar por lugares para fazer o procedimento. “Estava finalizando minha especialização e eu queria fazer meu tratamento dentário. Achei que teria condições de custeá-lo. Eu fui para a República Tcheca pesquisar valores, pois muito dos melhores dentistas do mundo estão lá, mas ainda assim era muito caro. Foi quando um amigo de Pernambuco, que conheci na Itália, me disse sobre a cidade de Bauru. Quando fui pesquisar, mal conseguia acreditar. Era bom demais para ser verdade. ”

Após descobrir sobre a cidade de Bauru e que conseguiria pagar por seu tratamento dentário no Brasil, Vincent foi ao consulado brasileiro em Roma, apresentou seus documentos e conseguiu a aprovação de um visto para tratamento médico com a duração de um ano. A lei brasileira para vistos de imigrantes contempla diferentes casos, como o visto de estudante, os vistos diplomáticos ou os vistos para turistas. Entretanto a lei não tem especificidade sobre o imigrante que virá ao Brasil para fazer tratamentos por mais de um ano. Por isso, Vincent precisava anualmente solicitar um novo visto a Polícia Federal brasileira e não pôde deixar o Brasil durante os cinco anos de tratamento.

Vincent afirma que foi muito fácil entrar no Brasil, entretanto a burocracia foi muito complexa até conseguir todos os documentos necessários. “Eu fiquei três anos apenas me mudando com protocolos. Era muito difícil. Quando eu precisava pegar um ônibus de longa distância, eu precisava mostrar o protocolo, que era apenas um papel em branco com o meu nome e meu número de protocolo. Por três anos tive que renovar o meu visto de tratamento dentário. ”

Após todo o período em que tentou renovar o visto para tratamento dentário, o ugandense descobriu que precisava, segundo a lei brasileira, fazer uma inscrição para o visto temporário de dois anos. Ele conseguiu o visto, apenas dois anos depois pôde tentar um visto permanente. “Eu não sabia se conseguiria um visto permanente. Foi uma surpresa quando consegui. Agora posso ficar no Brasil até 2019, quando peço minha cidadania. ”

Ao conseguir o visto, Vincent recebeu a carteira de identidade para estrangeiros, o Registro Nacional para Estrangeiros (RNE). Esse documento identifica a condição de residência (temporária ou permanente) e o prazo de estada. Junto ao RNE, o ugandense teve que requisitar também seu CPF. “Quando eles me deram o RNE, fui obrigado a fazer um CPF, mas para isso eu tive que abrir uma conta no Banco do Brasil. Foi bem engraçado. Porque para você ter um CPF, você precisa ter uma conta no banco. Não entendo a ligação. ”

Ao conseguir a RNE e seu CPF, Vincent pôde então legalizar sua situação como trabalhador e tirar uma carteira de trabalho. Com isso, apenas a partir de 2011 que ele foi autorizado pelo Estado a trabalhar legalmente, pagar seus impostos e a previdência.

Tratamento dentário

Ao chegar ao Brasil em março de 2006, Vincent foi diretamente para a cidade de Bauru. Já no primeiro dia em que esteve na cidade se dirigiu ao Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, da Universidade de São Paulo (USP), conhecido popularmente como “Centrinho”.

Sem falar português, o ugandense chegou ao Hospital e explicou sua situação. Foi atendido por médicos, os quais disseram que os sete dentes a mais em sua boca precisariam ser retirados, um aparelho odontológico colocado e depois teria início o tratamento. Quando questionou sobre o valor que deveria pagar, Vincent recebeu a notícia de que o tratamento seria completamente gratuito. “A USP me disse que eu seria tratado de graça, que eu não pagaria nenhum centavo. Eles nunca tinham visto um caso como o meu, então eu servi de estudo para eles. Veja como as coisas acontecem na vida. Eu não me casei com minha noiva, então eu estudei na Europa e terminei no Brasil conseguindo meu tratamento dentário de graça! Isso é um plano de Deus. ”

Segundo os médicos, inicialmente o tratamento duraria três anos. A ideia de Vincent era ficar no Brasil por esses três anos e depois voltar para a Europa. Após a extração dos dentes e o uso do aparelho, houveram complicações que fizeram com que o tratamento levasse mais tempo. A mordida de Vincent era cruzada, ou seja, os

dentes de sua arcada dentária superior se sobrepunham aos dentes da arcada inferior, o que impossibilitava que o ugandense conseguisse fechar a boca.

Foram cinco anos de tratamento no total. Durante o processo, Vincent teve que fazer diversas cirurgias para colocar sua mandíbula, onde os médicos também colocaram um implante em seu queixo. Foram dolorosas cirurgias, mas a última em especial levou meses de recuperação. “Foi muito difícil, eu sentia muita dor. Eu tinha tubos no meu nariz para sair o sangue que estava dentro do meu corpo. Precisava espirar para evitar que o sangue coagulasse dentro de mim. Por semanas tive que comer apenas comidas líquidas. Perdi muito peso. E pior, quando sai do hospital, pois eu não tinha ninguém para cuidar de mim. Tive que pagar uma enfermeira para me ajudar”.

Durante os anos de tratamento, Vincent precisava trabalhar na cidade de Bauru para se sustentar. Mas arrumar um emprego não seria tão simples, pois, segundo o mesmo “Quem empregaria alguém que tem que ir ao dentista quase toda semana ou que fará cirurgias e terá que se ausentar? ”

Trabalho

As dificuldades foram muitas, mas o ugandense teve sorte no Brasil. Em seu primeiro ano no país, Vincent decidiu procurar uma escola que ensinasse português para estrangeiros. Foi quando ele conheceu Juliana, professora e dona de uma grande escola de idiomas em Bauru.

Quando fazia apenas um mês que estava aprendendo português, Vincent recebeu um convite inesperado. Um dos professores de inglês da escola havia deixado o cargo sem avisar, o que causou uma defasagem na escola. Juliana, sabendo que a língua materna de Vincent era o inglês, pediu para que ele substituísse o professor temporariamente. Assustado, ele disse que nunca havia trabalhado como professor, que não sabia como ensinar inglês e nem ao menos português. No entanto, a turma que Vincent precisaria ensinar já estava em um nível avançado, então Juliana sugeriu que ele apenas contasse a sua experiência de vida, o que foi fazer na Itália, o que o trouxe ao Brasil.

Mesmo relutante ele decidiu aceitar. “Tive medo, mas resolvi tentar. Eu nunca havia ensinado inglês, mas a partir daquele dia que comecei, nunca mais parei. É por isso que Juliana é alguém tão importante na minha vida”.

Com o passar do tempo e a vontade de continuar a ensinar sua língua materna, o africano recebeu aulas de Juliana sobre a metodologia do ensinamento de inglês no Brasil. Ao passar dos anos, Vincent foi se consolidando como professor, porém, inesperadamente, Juliana precisou voltar a estudar e a escola teria que ser fechada. Com isso, foi necessário avisar os alunos de que eles teriam que procurar outra escola e outro professor, mas nem Vincent nem seus alunos estavam felizes com isso. “Eu não queria ir procurar outras escolhas para ensinar inglês, pois eu sou um economista. Quando eu contei para meus alunos do fechamento da escola devido ao fato de que Juliana ter que se dedicar aos estudos, meus alunos não aceitaram. Eles disseram “onde quer que você vá, nós iremos com você”. Então conversei com Juliana e decidimos alugar uma pequena casa para continuar a ensinar línguas. Todos os meus alunos se mudaram comigo para aprender inglês. ”

Vincent conta que nunca foi a procura de um emprego no território brasileiro, mas afirma que tem a certeza de que caso procurasse, acharia com facilidade. “No Brasil o currículo é muito valorizado. Sou economista formado na África, com especialização na Itália, falo três línguas. Não acredito que teria dificuldades para me empregar na área. Mas eu não quero procurar outro emprego, eu não quero trabalhar para os bancos, pois eu me sinto realizado sendo um professor de inglês. Me considero muito bem-sucedido no Brasil”.

Ensinar se tornou a maior paixão de Vincent. Além de professor, ele passou a criar vínculo afetivo com seus alunos. “Meus estudantes vêm até mim para aprender inglês, mas eles têm diversos problemas e no fim das aulas acabam se abrindo comigo. Eu não tenho a resposta dos problemas deles, mas eu conto as minhas experiências e isso os ajuda. Eu basicamente tinha que contar para eles como foi a minha vida. A maioria dos meus alunos diz que ‘desde que eu comecei a ter aulas de inglês com você eu não tenho mais vontade de ficar no Brasil’. O que eles devem entender é que a maioria dos nossos problemas são gerados por onde nós ficamos, mas não por causa de quem somos. Minha família não está aqui, aqui não é o meu

país. Eu não tenho uma casa, eu não tenho nada. Mas eu estou feliz. Eu tentando mostrar a eles uma nova forma de encarar a vida”.

Diferenças culturais

Antes de chegar ao Brasil, Vincent teve que enfrentar a mudança de um país africano para um país europeu. Foram 10 anos morando na Europa e aprendendo a viver como os europeus. Entretanto, quando chegou ao Brasil, o professor afirma que teve que esquecer tudo o que havia aprendido na Europa. Segundo ele, a questão da comida e do clima foram simples de ser superadas, o mais complicado foi aprender os costumes brasileiros. “No Brasil as pessoas nunca te corrigem, ou seja, você não sabe o que você está fazendo de errado, e não sabe que deve mudar. Para mim essa foi a parte mais difícil, pois muitas pessoas me deixaram e eu só descobri depois os motivos”.

Vincent cita também a falta de compromisso dos brasileiros. Na Itália e em Uganda, segundo ele, quando alguém marca um compromisso, está combinado, independentemente do tempo que falta para ele chegar. Já no Brasil, ele explica que as coisas não funcionam da mesma maneira. “Se um brasileiro te diz que irá a algum lugar, ele não quer dizer que realmente irá, ele quer dizer que ele gosta da sua companhia, mas que não pode dizer “não”. Eles sempre acham desculpas como “eu vou perguntar meu colega”, mas nunca dizem “eu não posso ir pois vou estar ocupado”. Eles têm medo de ser rudes. Por exemplo, se eu chamo algum amigo para ir até a minha casa em tal dia, ele diz que vai, mas eu não dou o endereço. Ele não me pergunta meu endereço, e apenas sorri e diz que aparece. O mesmo acontece com o número de telefone. E para os brasileiros é normal”.

Outra coisa que o ugandense destaca é como o Brasil não tem uma cultura definida. Segundo ele aqui temos diversas culturas e diversas formas de pensar, diferente da Itália, há uma cultura majoritária e homogênea. “As coisas no Brasil são muito mutáveis. Os brasileiros gostam de coisas novas, e o governo não define como as pessoas pensam, diferente de outros lugares que vivi. O Brasil não é acostumado a tradições, ele gosta de coisas novas”.

Considerando que os brasileiros gostam de coisas novas, foi difícil para Vincent também entender a falta de ajuda quando fez a sua cirurgia, apesar de ter tanto amigos no Brasil. “ Aqui, em qualquer lugar que vou, tenho vários amigos. Mas quando fiz minha cirurgia e precisava de ajuda, eu me perguntava: onde estão todas aquelas pessoas que diziam ser minhas amigas? Agora eu estou sozinho. Foi aí que realmente percebi que os brasileiros gostam de coisas que são novas e que no momento em que as coisas param de ser novas, não tem mais importância para eles. Quando vou para a Europa eu percebo a diferença, pois lá, mesmo fazendo 10 anos que não vejo meus amigos, parece que estivemos juntos desde sempre. Então eu penso, qual o problema do Brasil? Não é porque o Brasil é ruim. É a forma como as pessoas vivem e a forma como se relacionam. Tive que entender isso para diminuir as minhas frustrações”.

A relação dos brasileiros com o dinheiro também difere da relação dos europeus. Vincent conta que na Itália não é um problema emprestar dinheiro para seus amigos, enquanto no Brasil isso é algo complicado que cria problemas. “Na Europa, quando eu vou visitar meus amigos, ao deixar a casa deles, muitas vezes recebo envelopes com dinheiro. É uma forma gentil de te ajudar a voltar para casa sem problemas, já no Brasil eles te dão outras coisas. Pequenos presentes, comida, mas nunca dinheiro. É engraçado, pois na Itália nunca vemos as pessoas dando comida para moradores de rua e aqui é comum doar comida ao invés de dinheiro.

Vincent fez questão de ressaltar as diferenças educacionais entre sua terra natal e o Brasil. Para ele, a base de tudo está na colonização. “Os portugueses não construíram nenhuma escola no Brasil. As universidades brasileiras foram construídas pelos brasileiros e não pelos portugueses. Já o Reino Unido, quando colonizava um país, a primeira coisa a ser construída era uma escola. A educação é muito valorizada pelos ingleses, o que já não acontece com os portugueses. O método britânico de colonização foi “você precisa aprender a ler e escrever. Se você não souber ler e escrever você não é britânico”. Todas as colônias francesas estão sempre sofrendo. Todas as colônias portuguesas estão sempre sofrendo. E isso não é à toa, falta educação” A metodologia que o professor utiliza no ensino do inglês também é reflexo da educação ele teve. Os seus alunos constantemente afirmam que ele é muito rígido, mas quando questionado, ele responde rapidamente: “Eu não sou rígido, é minha

formação. Em inglês você tem que saber como dizer uma palavra, eles não apenas dizem de qualquer forma. Minha formação facilitou sua vida. O conhecimento adquirido e o inglês permitem que eu viaje e me adapte a qualquer país do mundo”.

Quanto ao Brasil, Vincent vê o país como um potencial desperdiçado. “Eu fico bravo, pois um país como o Brasil, com tanto potencial, podendo ser um dos países mais ricos do mundo, por causa de sua colonização, não sai do lugar. Quando Lula diz ‘eu nunca estudei, então todo mundo pode ser como eu’, ele está errado, pois não, todo mundo é diferente. Todo mundo tem suas próprias oportunidades na vida. Ninguém vai ser Lula. Sem educação é muito difícil ter sucesso na vida”.

Violência e racismo

“Um dia me perguntaram se eu já fui assaltado no Brasil, e eu apenas respondi: “nunca, porque sou eu quem assalta (risos). ” Nessa pequena brincadeira, Vincent deixa transparecer alguns dos preconceitos que já viveu. Tentando se justificar, diz rapidamente “Eu nunca fui assaltado pois tenho estratégias. Eu sei que para alguém te assaltar você precisa estar em uma zona violenta e estar distraído. Sempre tento evitar essas situações. ”

Antes de chegar ao Brasil, Vincent diz ter sido alertado por outros amigos negros que no país o racismo não é descarado como em outros lugares, mas sim velado. Ao falar sobre o assunto, o ugandense fica na linha tênue entre a negação do racismo e o fato de que se é impossível negá-lo no Brasil. “Desde que vivo nesse país, aprendi a lidar com o racismo de alguma forma. Se você não gosta de mim, não é meu problema, é seu problema. Desde que eu não sei quem pratica o racismo aqui, ele não existe. Eu tenho muitas coisas para fazer. Mas de outra forma eu também não posso dizer literalmente que ele não existe. ”

Para o professor a questão da educação também está ligada ao preconceito. Ele acredita que é mais difícil falar sobre racismo com pessoas que não foram educadas, que não estudaram. “É perceptível que o racismo cresce muito em países com grandes diferenças de classes. ”

Em Uganda, um país etnicamente homogêneo, o racismo não existe. “Não está no meu sangue, não está no meu DNA”. Como exemplo, cita uma velha tradição ugandense. “Em meu país, quando cantamos parabéns, no final, ao invés do convencional ‘com quem será’ brasileiro, cantamos você se parece com um macaco’. Para vocês parece ofensivo, mas para nós é muito engraçado e todos esperam esse momento para rir. Como temos vários animais, macacos parecem muito conosco, e eles são muito engraçados. Então quando alguém é muito agitado, nós falamos que ele se parece com um macaco. Quando alguém é sujo, falamos ‘ele é sujo como um porco’. E aqui nós não podemos relacionar isso com pessoas. Pois faz-se a associação de que macacos são menos desenvolvidos e assim parecemos racistas.”

Retorno

Em março de 2016 serão completados dez anos da chegada de Vincent ao Brasil. Seu tratamento dentário terá terminado a cinco anos. Inicialmente o plano do ugandense era retornar à Itália ou Uganda após o fim do tratamento, entretanto, Vincent continua no Brasil. Ele, humildemente, afirma que financeiramente a vida em seu país e na Europa era melhor. “Aqui eu não tenho um carro, eu não tenho bens materiais, mas eu acho que isso vai vir com o tempo. É muito bom investir em educação. Estou satisfeito com a minha vida no Brasil acima de bens materiais. Eu vejo a satisfação da seguinte forma: quando eu faço outra pessoa feliz, quando eu quero estar realizado com meu trabalho. Se eu dependesse de dinheiro para estar satisfeito, eu estaria muito infeliz”.

Há mais de 20 anos Vincent deixou a África. Agora, aos 37 anos, já viveu mais em terras estrangeiras do que em sua terra natal. Quando criança, ele se imaginava como seu pai: um economista bem-sucedido com uma grande família ao seu redor. Hoje, esse não é mais um sonho do ugandense. “Em setembro de 2015 eu estive em meu país para o casamento de uma das minhas irmãs e pude notar que agora minha família pensa que sou como um louco, um alienígena. Tenho 37 anos, não sou casado, vivo sozinho e estou em Bauru por escolha minha. Eu perdi muito da África. Faz muito

tempo que estou longe do meu país. Nunca me realizei em Uganda, mas ao mesmo tempo sempre serei ugandense, africano. Eu sempre terei meu jeito de fazer as coisas, o que família representa para mim. Eu sempre serei o Vincent. Eu nunca serei europeu, inglês ou brasileiro. Eu sempre serei africano. ”

Williams Ernesto Flores Puente - El salvador

O professor Williams Ernesto Flores Puente nasce em San Salvador, capital de El Salvador em 1970. O país, uma pequena nação banhada pelo Oceano Pacífico, está incrustado entre Honduras e Guatemala, na América Central. Lar de uma sofisticada civilização pré-colombiana chamada Cuzcatlán, também foi ocupado pelos povos olmecas e por tribos maias. O território do país foi explorado por colonizadores espanhóis a partir de 1522 e mantido sobre seu controle até o início do século XIX.

Durante o século XX, a situação política nacional se torna bastante instável, com uma sucessão de governos autoritários e golpes. A partir de 1960, o Partido Democrata-Cristão (PDC), que representava a classe média, e o Partido de Conciliação Nacional (PCN), representação dos militares, se alternam no poder e dominam o cenário político salvadorenho. A crise do petróleo nos anos 1970 aumentou o preço de alimentos e diminuiu a produtividade da agricultura local, o que aprofundou a desigualdade econômica característica do país.

Enquanto o país beirava uma guerra civil, a Junta Revolucionária de Governo de El Salvador (JRG), composta por civis e militares por conta do caos social e da instabilidade política, depôs o presidente Romero em 1979. Para tentar angariar o apoio popular, a JRG fez algumas reformas agrárias que restringiram as propriedades rurais, além de ter nacionalizado bancos e indústrias, o que desagradou as elites que dificultaram a implementação das reformas, provocando protestos de setores da sociedade ligados à esquerda.

Os três membros civis da Junta renunciaram em 3 de janeiro de 1980, juntamente com 10 dos 11 ministros do governo, o que intensifica as atividades de esquadrões da morte e a repressão do governo. Além de repressão e violência nas cidades, a violência rural começou a escalar. Estima-se que ao longo da década de

1980 as forças de segurança do país tenham assassinado quase 12 mil pessoas, a maioria camponeses, sindicalistas, professores, estudantes, jornalistas, defensores dos direitos humanos, sacerdotes e outros membros proeminentes do movimento popular.

Conforme a violência do governo aumentava, grupos políticos anteriormente pacíficos transformaram-se em forças guerrilheiras. Em maio de 1980, a liderança revolucionária de El Salvador se reuniu-se em Havana, Cuba, para formar um comando político-militar consolidado, que logo se transformou na Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). A organização imediatamente anunciou planos para uma insurreição contra o governo. Em seu esforço para derrotar a insurgência, as Forças Armadas salvadorenhas levaram a cabo uma estratégia de "terra arrasada", derivada principalmente da atuação das forças dos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã. Estima-se que 16 mil civis foram mortos apenas neste ano, sendo notificadas 83 decapitações.

Em 1982, o FMLN começou a tentar estabelecer um acordo de paz para criar governo de ampla participação, mas a falta de acordo entre as forças que compunham o Governo e as pressões do conflito armado impediram a estabilidade. As atividades da insurgência continuaram durante o período de governo provisório, assim como a repressão do governo. Violações sistemáticas e generalizadas dos direitos humanos, por parte das forças militares e de segurança salvadorenhas, continuaram a níveis elevados. Durante 1982 e 1983, as forças do governo mataram cerca de 8 mil civis por ano, durante uma estratégia de assassinato em massa, destinada a aterrorizar a população civil, bem como opositores do governo.

Durante os Acordos de Paz da América Central, em 1987, o FMLN exigiu que todos os esquadrões da morte fossem dissolvidos e seus membros responsabilizados. Em outubro de 1987, a Assembleia de El Salvador aprovou uma anistia para crimes relacionados à guerra civil e exigiu a libertação de todos os prisioneiros suspeitos de serem guerrilheiros e simpatizantes da guerrilha.

Williams é o mais novo de três irmãos. Seu irmão mais velho deixou El Salvador aos 18 anos, procurando fugir da guerra. O conflito se intensificava, tanques de guerra estavam nas ruas e as escolas estavam fechadas com medo da violência. Jovens e

adolescente vinham sendo capturados para servir na guerra, tanto pela guerrilha quanto pelas forças armadas. A situação era de caos e seu irmão estava aflito com a ideia de ser recrutado para a guerra.

Ao final dos anos 1980, 75% da população do país vivia em situação de pobreza. Os padrões de vida da maioria dos salvadorenhos diminuíram em um terço desde 1983, enquanto o desemprego ou subemprego aumentaram para 50%. A maioria das pessoas também não tinham acesso a água potável ou assistência médica. As forças armadas eram temidas, a inflação subiu para quase 40% ao ano e a fuga de capitais atingiu cerca de 1 bilhão de dólares. Os oligarcas muitas vezes pegaram de volta à terra dos camponeses falidos que não podiam obter o crédito necessário para pagar por sementes e fertilizantes. Em 1989, 1% dos proprietários de terras de propriedade controlavam 41% da terra cultivável.

Após 10 anos de guerra, mais de um milhão de pessoas foram desalojadas de uma população de 5,4 milhões de habitantes. Cerca de 40% das casas de pessoas deslocadas foram completamente destruídas e outros 25% precisavam de grandes reformas. As atividades de esquadrões da morte ainda se mantiveram em 1990, apesar de um acordo das Nações Unidas sobre Direitos Humanos, assinado em 26 de julho pelo governo Cristiani e a FMLN. Finalmente, em abril de 1991, as negociações recomeçaram, resultando em uma trégua que concluiu com sucesso em janeiro de 1992, trazendo o fim da guerra.

Em 16 de janeiro 1992, os Acordos de Paz de Chapultepec foi assinada no Castelo de Chapultepec, na Cidade do México, para trazer a paz para El Salvador. As Forças Armadas foram regulamentadas, foi criada uma força policial civil, a FMLN transformou-se de um exército de guerrilha para um partido político e uma lei de anistia foi regulamentada em 1993.

Com o fim dos conflitos armados, estimulados pela disputa ideológica da Guerra Fria, El Salvador passou a enfrentar o problema da violência urbana associada ao narcotráfico e a gangues, localmente conhecidas como *maras*. Segundo estatísticas de março de 2012, El Salvador, era o segundo país mais violento do mundo, perdendo somente para o vizinho Honduras. Segundo o governo salvadorenho, cerca de meio

milhão de pessoas podem estar envolvidas direta ou implicitamente com gangues no país. Com o aumento drástico na violência, os *maras* começaram a ser expulsos do território norte americano e tiveram que retornar a El Salvador, onde voltaram a se organizar. Segundo Williams, “o Primeiro Comando da Capital (PCC) seria como criancinhas brincando na rua com os *maras*. Eles constituem um exército de 77 mil membros na minha terra natal. A nossa população é de 8 milhões. Eles representam uma porcentagem bastante expressiva. A gangue atualmente está espalhada por diversos países, como Honduras, Chile, Argentina, Itália, França, além dos Estados Unidos e de El Salvador. Eles estão se tornando globais. ”

O governo atual de El Salvador decretou guerra às gangues e estão tentando de diversas formas eliminar a gangue. Segundo Williams, toda semana são encontrados de dez a quinze membros da gangue mortos, devido a enfrentamentos com a polícia e um dos motivos da gangue ser tão bem treinada é que os membros mais antigos lutaram na época da guerra civil em El Salvador e foram instruídos pela guerrilha, de forma que receberam armas e treinamento militar. Williams afirma que o atual presidente está conseguindo dispersar a gangue. “Ele [presidente] foi comandante guerrilheiro, sabe a tática usada pelas *maras* e onde eles se escondem. Dessa forma ele está conseguindo expulsar a gangue das cidades. Eles estão indo para as montanhas, para a área rural”.

Quando questionado se a violência urbana em seu país difere da violência urbana brasileira, Williams diz que não é possível fazer uma comparação. “Eu vivi muito tempo em São Paulo, fui ao Rio de Janeiro fazer um curso no morro. Lá eu escutava tiro a noite inteira. Quando eu estava em El Salvador, eu escutava bombas a noite inteira. Quando o PCC deu toque de recolher em maio de 2006, eu estava trabalhando no litoral de São Paulo. Todos estavam muito assustados, mas em El Salvador isso é algo normal, rotineiro. Mesmo depois do fim da guerra civil a violência continua”.

A saída de El Salvador

Quando Williams se formou no ensino médio em 1987, o país estava em pleno conflito armado. Williams tenta entrar em contato com a Embaixada do Brasil em El Salvador e consegue o chamado “Convênio de Estudante”, que consiste em uma vaga de ensino superior oferecida a estrangeiros pelo governo brasileiro. Através disso o irmão de Williams conseguiu ingressar no curso de Tecnologia de Processamento de Dados, em Bauru. Na época o curso era ministrado na Fundação Educacional de Bauru, que posteriormente se tornou a Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Com uma bolsa de estudos e a guerra civil em El Salvador, a cidade de Bauru se tornou um refúgio para o salvadorenho. Em 1981, quando foi de férias a El Salvador, a irmã de Williams veio junto ao Brasil, após conseguir ingressar em odontologia na Unesp de Araraquara.

Com a boa adaptação do irmão e da irmã, ambos começaram a fazer pressão para que Williams e seus pais também viessem ao Brasil e saíssem do cenário da Guerra Civil salvadorenha. Em 1991, após o aumento dos conflitos na cidade de San Salvador e o risco eminente de morte, Williams e seus pais vieram ao Brasil. Foi uma difícil decisão para o salvadorenho, que era seminarista e estudante de filosofia. O jovem, que na época estava com 20 anos, tinha passado um ano na Costa Rica e naquele momento estudava no México há seis meses. Seu irmão finalmente havia conseguido o visto permanente, já estava consolidado no Brasil, onde se casou e teve dois filhos.

Seus pais decidiram seguir para a cidade de Bauru e Williams precisava decidir o que faria, pois segundo as leis brasileiras, ele poderia entrar com visto permanente no país apenas até fazer 21 anos. Como já tinha 20, Williams decidiu que a melhor coisa era acompanhar os pais e reiniciar os estudos em Bauru. “Eu sentia que quando voltasse para El Salvador eu poderia morrer em qualquer instante. A situação estava cada vez mais complicada e com as minhas experiências em outros países pude perceber que naquela época, na América Latina, se você pensa diferente, você morre. Você não precisa ser comunista para ser torturado. ”

Com medo o jovem de 20 anos deixou sua terra natal e veio para Bauru. Ao chegar não sabia falar português. “Eu não tinha a menor noção da língua. Tive que aprender na marra. No segundo mês eu já conseguia entender quase tudo, o problema

era perder o medo. Mas com 3 meses já estava começando a falar. E como nesse tempo eu fazia trabalhos sociais vinculados a igreja, em uma favela que havia na cidade. Eu tinha muito contato diariamente com o português, o que facilitou meu aprendizado. ”

Apesar de ter chegado ao país com documentos permanentes, outro obstáculo foi a enorme e complexa burocracia brasileira. “Não tive qualquer acompanhamento. O Brasil é um dos países que colocam mais travas para liberar vistos para estrangeiros. Você tem três meses de visto como turista, que você pode prorrogar por mais três. É preciso ir até a Polícia Federal e pagar uma taxa. Depois que a validade expira você precisa sair do país. Com o visto permanente você pode fazer praticamente tudo que o brasileiro faz, menos conseguir votar. Em tese é isso, mas na prática é diferente. Se você tentar entrar legalmente no Brasil é difícil. E se você entra ilegalmente dificilmente vai conseguir legalizar a situação no país. ”

Para conseguir trabalhar, uma série de novos desafios surge no caminho do estrangeiro que decide vir ao território brasileiro. “Para conseguir o visto de trabalho você não pode estar residindo no país. Você deve estar no seu país natal e solicitar na embaixada brasileira a assinatura de um contrato junto a empresa que o contratou. Você estará vinculado a empresa e precisa ser um técnico qualificado para poder trabalhar no Brasil. Por exemplo, se eu vier trabalhar em um colégio e depois perco o vínculo emprego, eu preciso voltar para o meu país e lá assinar um contrato com outro colégio, estando fora do Brasil. ”

Estudos e trabalho

Williams chega a Bauru a procura de um emprego. Inicialmente o jovem deu aulas de espanhol na escola que seu irmão tinha na cidade, mas não era isso que ele queria continuar a fazer. Williams tinha iniciado os estudos em teologia em El Salvador, e os abandonou. Segundo a linha de seminarista, ele reiniciou os estudos no Brasil, em Curitiba, pela Faculdade Vicentina de Filosofia. A faculdade tinha tradição na formação de padres e principalmente as lideranças dos movimentos populares. Os professores, em sua maioria, se alinhavam à esquerda política.

Após a formação, o salvadorenho começou a trabalhar em escolas públicas e particulares da cidade de Bauru, mas explica que inicialmente teve dificuldades. “Quando eu comecei a dar aula, eu era formado em filosofia e sociologia, e essas disciplinas estavam sendo tiradas da grade curricular. Então apenas uma escola em Bauru tinha filosofia na grade e eu não tinha aulas para trabalhar. Foi aí que decidi cursar história”.

Williams decidiu então cursar história na Universidade Sagrado Coração (USC) em Bauru. Com a formação ele conseguiu mais aulas para lecionar na região, e conta que foi surpreendido em diversas situações. “Eu comecei a trabalhar em escolas públicas por opção política. Eu cheguei a trabalhar em diversas escolas públicas da cidade. Eu via muita violência e muito tráfico de drogas. Trabalhei também em Avaí e em Agudos. ”

Para ser professor da rede pública de ensino é necessário passar em concurso público. O professor conta que quando as aulas de filosofia e de sociologia voltaram a fazer parte da grade curricular em Bauru, não haviam mais professores a serem chamados. “Todos os professores que estavam na lista de espera do concurso foram chamados e mesmo assim sobraram aulas. Como os alunos não podem ficar sem aulas, é estabelecido um regime de contratação temporário. Fui contratado e tinha que lecionar até o final do ano letivo. Como não faziam concurso de professor de filosofia há 20 anos, todos eram temporários. Quando houve concurso novamente, passei em dois de filosofia e dois de história.

Após aprovado nos concursos, o professor salvadorenho só conseguiu ser efetivado por meio de um mandato de segurança que, segundo ele, era ilegal. “Foi um ato arbitrário, irregular e racista. A Constituição de 1988 diz que para ser funcionário público você tem que ser brasileiro nato ou naturalizado ou estrangeiro na forma da lei. Eu tinha minha documentação em dia e mesmo assim fui retirado da sala de aula. Constitucionalmente é ilegal já que as acusações de que eu não poderia assumir as aulas devido a minha nacionalidade eram infundadas. ”

Com isso ele decidiu entrar com mandato de segurando, o qual foi ganho em primeira instância. Entretanto, quando o documento foi ao tribunal, era necessário entrar com um recurso e o advogado de Williams esqueceu de notifica-lo e assim o

mesmo perdeu o prazo. Para o professor, essa suposta perda do prazo foi algo armado. “Depois que meu advogado ‘esqueceu’ de me avisar do prazo para o recurso, fui sabendo pouco tempo depois que ele recebeu um cargo político. Acredito que havia mais coisa por trás disso tudo. ” Com o processo administrativo que enfrente, o professor foi sentenciado ao afastamento de 5 anos do cargo. Em 2016 o tempo expira e ele afirma que pretende voltar a lecionar.

Williams afirma que o ato que o afastou de suas aulas foi de xenofobia. “Dentro da rede pública eu senti muito fortemente por parte do governo e das autoridades a xenofobia. Os argumentos deles são argumentos neonazistas. Dizem que os estrangeiros que vem de fora tiram as vagas das pessoas que moraram no Brasil. Esse meu afastamento veio em decorrência disso. Eu assumi a defesa dos estrangeiros que queriam trabalhar e os dirigentes chegaram e me falar que se eu ficar quieto e não continuasse brigando pelos meus ideais, eles me deixariam quieto, porém expulsariam todos os outros professores estrangeiros”.

Com o afastamento de cinco anos, Williams se mudou para o litoral, onde deu aulas em escolas partícules e universidades a distância. Quando a situação financeira apertou, ele voltou a Bauru e passou a trabalhar no shopping da cidade.

Diferenças culturais

Williams, antes de vir ao Brasil, não sabia muito sobre o país, e ainda menos sobre a cidade de Bauru. Após cursar história na Universidade, o professor afirma que vê Bauru como uma das cidades mais importantes historicamente para o interior paulista. Ele cita a ferrovia noroeste, que foi importante para povoar a região centro-oeste do estado e também o sindicato dos ferroviários, que deu início ao sindicalismo, as lutas, conscientização do trabalhador. “Além disso, Bauru é uma cidade universidade, com muito conhecimento intelectual. Uma coisa contraditória que vejo, entretanto, é que Bauru tem uma faculdade de engenharia, de arquitetura, e você vê as condições das ruas”.

Ele ressalta também a questão das diferenças culturais entre o Brasil e seu país natal. A questão da alimentação, por exemplo, é bastante diferente. O Brasil tem uma cultura europeia, onde a primeira refeição do dia deve ser leve, enquanto na cultura

salvadorenha, herança dos indígenas, a primeira refeição é como o almoço dos brasileiros, e são servidos feijão, ovo e batata frita. Comidas pesadas.

Outra diferença marcante para o salvadorenho foi a questão de identidade latina americana. “O Brasil não se define como América Latina. Quando perguntam para o brasileiro qual a sua descendência, ele sempre responde europeia, parece que tenta esconder a sua descendência indígena e africana. Para o resto da América Latina é ao contrário. É uma ofensa falar que somos descendentes dos europeus. Temos vergonha da colonização europeia. Os índios e os negros nunca fizeram nada de errado”.

Outra diferença que o salvadorenho notou foi a diferença da infraestrutura entre os dois países. Segundo ele, o Brasil tem uma infraestrutura muito melhor que a de El Salvador e de qualquer outro país latino americano. “Na Argentina, por exemplo, a infraestrutura das Universidades Públicas é falha. Lá os alunos têm que ficar sentados no chão, devido à grande demanda e a ausência de vestibular. Lá eles têm vontade de estudar, mas não tem a infraestrutura que o Brasil tem. No quesito transporte público e estradas o Brasil também é muito melhor que o resto da América Latina. Além disso, na área da saúde, por exemplo, aqui remédios são distribuídos gratuitamente. E apesar das limitações, se tem médicos no Sistema Único de Saúde”.

Williams, como aluno em El Salvador e professor no Brasil afirmou notar inúmeras diferenças entre as instituições dos dois países. A primeira delas é o auxílio do governo a educação. “Aqui no Brasil os estudantes têm merenda, recebem mochila, caderno e demais materiais escolares do governo. Em El Salvador nunca tivemos isso. Na minha cidade, todo mundo tinha que ter uniforme: camisa, calça, sapato, gravata. Os materiais escolares também eram responsabilidades nossas, assim como os livros para estudo. Atualmente está acontecendo uma pequena mudança com o partido da guerrilha no poder. Temos merenda, apesar das condições serem piores do que a do Brasil, e estão sendo distribuídos materiais escolares, porém também de qualidade inferior a brasileira”.

Williams também percebe uma clara diferença entre os estudantes brasileiros e os estudantes salvadorenhos, e como isso dificulta o trabalho do professor em sala de aula. “A vontade de estudar do brasileiro é menor. Ele não tem muito empenho, tanta força. E ainda, de maneira geral, o Brasil não é habituado a leitura. E isso é o básico.

Somado a isso está o professor que tem que lidar com diversas situações em sala de aula a qual ele não deveria. Em escolas públicas, temos alunos drogados na sala, traficantes. É difícil para o professor lidar. A imensa maioria dos meus alunos eram drogados. Dar aula para eles e para pessoas com problema mental na mesma sala é difícil. Os meninos no sexto, no sétimo ano, já estão na febre da sexualidade. Os meninos tinham 18 anos e levantavam o vestido das meninas. Eu não me formei para lidar com aquilo, mas eu tinha que lidar”.

O professor de história também faz uma reflexão sobre a classe dos professores. Quando era seminarista viajou para os diversos países, conta que ele percebeu a categoria mais organizada era sempre a dos professores. “Sempre, em todos os países que vi, a categoria mais organizada eram a dos professores. Mas no Brasil tem uma divisão muito grande. Em outros países, quando as escolas são carentes, os professores colocam dinheiro de seus próprios bolsos, se impõe e cobram dos governantes algum posicionamento. Aqui parece que todos já aceitaram as mentiras e vão apenas continuando com as aulas. Dificilmente se vê uma greve, essa última [das escolas estaduais de São Paulo devido a reorganização proposta pelo governador Geraldo Alckmin] foi inacreditável”.

Retorno

Apesar de viver bem no Brasil, o professor afirma que se não fosse pela guerra civil teria continuado em seu país. Lá ele afirma que suas condições de vida financeiramente eram melhores. “Meu pai é agrônomo formado em um instituto de ponta em Honduras. Ele era gerente operacional de créditos do banco que mais financiava os projetos de reforma agrária. Minha mãe era comerciante. Tínhamos uma estabilidade econômica muito boa. Atualmente penso em voltar para o meu país, reencontrar meus amigos e parentes, mas com as dificuldades econômicas isso fica quase impossível. São 1500 dólares em uma passagem”.

Alex Mita - Chipre

O Chipre é uma ilha localizada no mar Mediterrâneo, próxima da região do Levante (onde estão situados países como Líbano, Israel e Síria) e entre os territórios

da Grécia e da Turquia, países que tiveram (e ainda têm) forte influência na política, demografia e cultura locais.

Apesar de contar com uma população relativamente pequena (cerca de 1,1 milhão de habitantes de acordo com estimativas de 2013), o país insular é, historicamente, uma nação dividida. No período da antiguidade, o território cipriota foi ocupado por fenícios, egípcios, assírios, persas e gregos até chegar ao domínio do vasto e poderoso Império Romano, que transformou a ilha em uma de suas províncias.

Com colapso dos romanos, a ilha passou para o domínio do Império Bizantino, o Estado sucessor da Império Romano do Oriente, que forjou a característica helenística-cristã que marca a parte grega da sociedade cipriota até os dias atuais. Em 1453, a capital bizantina, a cidade de Constantinopla (atual Istambul), é tomada pelas forças do Império Otomano e causa a subsequente queda dos bizantinos. Em 1570, mais de 60 mil soldados otomanos invadem a ilha do Chipre e anexam o território. Seria o início de séculos de domínio otomano sobre a ilha e da formação da comunidade turco-islâmica que vive até hoje no norte cipriota.

Com a guerra de independência grega em 1821, muitos gregos cipriotas vão para o território grego para lutar contra as forças otomanas pela independência do país, o que inspira ideias autodeterministas na ilha contra as forças otomanas. Em 1828, o primeiro presidente da Grécia moderna, Ioannis Kapodistrias, clamou pela união do Chipre ao território grego. Este conceito de união, chamado de *enosis* dentro do nacionalismo cipriota, aliado aos altos impostos cobrados pelas autoridades otomanas e aos altos níveis de pobreza entre a população, impulsionaram movimentos independentistas em ambas as comunidades islâmica e cristã.

Após a Guerra russo-turca de 1877-1878, um tratado estabeleceu o domínio “de facto” da ilha ao Império Britânico. No entanto, o Chipre permaneceu como território otomano “de jure” até 5 de novembro de 1914, como o início da Primeira Guerra Mundial. As autoridades britânicas eram aceitas pelas partes turcas e gregas da ilha.

No entanto, a ideia da *enosis* dos gregos cipriotas fez com que os turcos cipriotas passassem a temer que os britânicos transferissem o domínio da ilha ao

governo grego. Em 1950, apenas 20% da população local era turca, o que tornava a ideia de anexação da ilha pela República da Turquia (os sucessores do Império Otomano) bastante improvável. A partir de então, os turcos cipriotas passam a lutar pelo direito da autodeterminação e começam a clamar pela divisão da ilha em regiões étnicas.

Em 16 de agosto de 1960 o território do Chipre é definido como uma entidade politicamente independente. As bases militares de Acrotíri e Deceleia, no entanto, permanecem sob domínio britânico. Os cargos do governo foram alocados por quotas étnicas, dando a minoria cipriota turca o poder de veto permanente, além de 30% no parlamento.

O parcelamento do poder previsto na Constituição cipriota, entretanto, acabou por causar impasses legais e descontentamento entre as duas parcelas da população da ilha. A tensão política desencadeou uma série de levantes populares de gregos e turcos cipriotas entre 1963 e 1974, quando um golpe de Estado realizado por uma junta militar grega liderada por Nikos Sampson derrubou o presidente Makarios III do cargo.

Em julho de 1974, a Turquia invadiu a ilha como uma resposta ao golpe de Estado e sob o pretexto de uma "operação de paz". Os turcos passaram então a controlar o Norte e o Chipre passou a ser dividido ao longo do que ficou conhecido como "Linha Verde", que corta cerca de um terço do território cipriota. Sampson renunciou e, conseqüentemente, o regime militar entrou em colapso com o retorno de Makarios ao poder.

Os cipriotas turcos estabeleceram um governo independente e, em 1983, proclamam a República Turca de Chipre do Norte, na parte norte da ilha, que atua como uma entidade política independente até os dias atuais, apesar de só ser reconhecido internacionalmente pela própria Turquia. Estima-se que ainda existam cerca de 150 mil colonos turcos no norte da ilha, além dos cipriotas turcos. Apesar de recentes tentativas de diálogo, o país permanece em disputa. Em 1 de maio de 2004, o Chipre se tornou um dos Estados-membros da União Europeia.

“Filho da guerra”

É nesse contexto conturbado que cresceu o fotógrafo e jornalista Alex Mita. Nascido na capital do país, Nicósia, em 12 de maio de 1974, apenas dois meses depois da invasão turca, Mita sentiu na pele os martírios de uma sociedade dividida, que beirava a guerra civil.

“Eu sou um filho da guerra. A casa da minha mãe ficava na parte norte da ilha e ela e nem ninguém podia chegar até lá. Então minha família me trouxe ainda bebê para outra região de Nicósia para assim conseguirmos escapar dos turcos. Nicósia é uma das últimas capitais divididas no mundo”, afirma Mita. O fotógrafo tem três irmãos, sendo dois homens e uma mulher. Depois de anos de casamento, seus pais estão atualmente separados. Com exceção de um de seus irmãos que mora em Londres, o restante da família ainda vive no Chipre.

O conflito entre gregos e turcos também acarretava em uma ideologia de ódio que era passada para as próximas gerações, de maneira a alimentar a disputa interruptamente. “Apesar de não lembrar da guerra, ela deixou muitas influências na minha vida. Lembro da lavagem cerebral que faziam na escola, quando diziam para as crianças que elas deviam odiar os turcos, que os turcos eram pessoas ruins. Além disso, as escolas gregas ensinam apenas a história grega. Há bandeiras da Grécia na entrada. No entanto, apesar de eu ser um cipriota grego, não sou um cidadão grego. O Chipre é um país independente”, lamenta Mita.

Até no nascimento do seu filho, Alex viu-se diante da imposição cultural que existe em seu país. Seu filho nasceu em território brasileiro, mas tem dupla nacionalidade. Apesar disso, Mita, que é ateu, foi obrigado a batizar seu bebê na Igreja Ortodoxa Grega para perpetuar as raízes culturais da sua etnia. “A Igreja não tem o direito de fazer esse tipo de imposição. Apesar de ter sido criado sob a influência da Igreja Grega, sou ateu.”

Atualmente, apenas os cipriotas gregos servem nas forças armadas e o serviço militar na República de Chipre é obrigatório para os homens. O período mínimo de serviço obrigatório é de 24 meses. Nas forças armadas, o processo de mudança profunda de pensamento com foco no ódio a parte turca da população tornou-se ainda

mais intenso. “Quando fui para o exército, isto ficou ainda pior. Nos faziam cantar canções sobre matar famílias turcas, inclusive mulheres e crianças. Era uma música do período da independência grega. Este é o momento que jovens estão pensando na graduação e te colocam para servir as forças armadas. Eu odeio o exército. ”

O conflito em seu país foi uma das motivações que encaminharam Mita ao seu trabalho. “A partir da experiência que passei no exército passei a me dar conta dos absurdos que estava dizendo e entendi que deveria mudar minha mente. Fui para o jornalismo por conta disto. ”

Alex começou a trabalhar como repórter do jornal *Cyprus Mail* em 2001, e cobriu atribuições para o *Irish Independent*, o *Daily Record* e *Sunday Mail* (Reino Unido). Em julho de 2006, Mita foi contratado pelo escritório do Oriente Médio da Agence France-Presse (AFP). Suas fotos foram publicadas em gigantes da mídia como o *Guardian*, o *New York Times*, *Daily Telegraph*, *Stern*, *Le Monde* e outros. Saiu de sua terra natal durante a juventude e passou por países dos mais variados tipos, como Reino Unido, Filipinas e Arábia Saudita.

Ele completou seu mestrado em fotojornalismo em 2008 na Universidade de Westminster, em Londres, e fez um curso de fotojornalismo e fotografia de rua na London School of Photography por mais de 4 anos, além de também ter lecionado Fotografia Digital para principiantes.

Bauru

Foi durante o período em que estudou na London School of Photography que Mita conheceu a sua esposa e mãe de seu único filho, a bauruense Luciana Franzolin. “Eu olhei para o canto da sala e vi aquela bela mulher brasileira. Era a Luciana. Um ano depois passamos a morar juntos e depois de outro ano nos casamos no Chipre. Em 2013, nós viemos para o Brasil, onde nasceu nosso primeiro filho”, se orgulha.

Em território brasileiro, Mita sentiu as dificuldades que um estrangeiro recém-chegado enfrenta diante da desconfiança das autoridades. “Vim para o Brasil na sexta-feira. Na segunda, fui até a Polícia Federal, até o setor específico para estrangeiros. Cheguei falando em inglês, pois ainda não sabia falar português fluentemente. O atendente, no entanto, apenas disse: ‘Fale português, estamos no Brasil!’ ”

Revoltado com a atitude grosseira do funcionário público, Mita respondeu: “Um dia você para o Chipre, seja a trabalho ou diversão, e no momento que você pisar naquela ilha e mostrar seu passaporte não terá qualquer problema com a polícia. Eu garanto. Como você pode falar com as pessoas dessa maneira? Eu estou no seu país, não falo português, estou aprendendo. ”

No dia seguinte, Mita voltou ao posto de atendimento da PF e foi atendido por outro funcionário, dessa vez simpático e solícito. No entanto, a barreira desta vez foi a burocracia. “Ele me pediu uma série de documentos. Disse que eu precisaria de um documento assinado pela embaixada brasileira no Chipre. No total, levei quase dois anos apenas para conseguir reunir toda a documentação e regularizar minha situação como estrangeiro. ”

As diferenças culturais também foram relevantes durante o processo de adaptação do grego cipriota. Mita observa as diferenças nas escolas e universidades e, apesar de não enxergar grandes discrepâncias em termos da qualidade do ensino oferecido nos dois países, diz que a incidência de drogas e violência nas escolas é praticamente inexistente no Chipre, ao contrário do Brasil.

Outra disparidade ocorre no ensino superior. Como a população do país mediterrâneo é pequena e há poucas instituições com vagas disponíveis, o que torna o vestibular bastante concorrido, muitos cipriotas acabam por emigrar e estudar em países da Comunidade Europeia, como também foi o caso de Mita.

A forma como a imprensa brasileira apresenta as notícias também causou estranhamento no fotógrafo. Programas policiais e sensacionalistas, onde é comum que o apresentador comente os fatos do dia e exponha sua opinião, são raros em sua terra natal. “Jornalismo ruim há qualquer parte do mundo. No entanto, lá no

Chipre isto não é tão óbvio como aqui. Se um jornalista quer expressar suas opiniões deve escrever um editorial ou criar um documentário, não comentar as notícias durante a sua apresentação. No Chipre há jornais que deixam seu posicionamento político (à esquerda ou à direita) explícito. ”

No entanto, nem tudo foi um problema na nova vida no Brasil. Em Bauru, Mita trabalha como fotógrafo do Jornal da Cidade. “Não foi difícil conseguir um emprego. Eu tinha as qualificações e a empresa onde trabalho é familiar. Levei cerca de um ano até me estabelecer profissionalmente. ” Apesar de gostar do município, faz críticas aos governantes. “É uma cidade boa para se viver, tem um grande centro médico que é referência internacional. Mas a infraestrutura ainda deixa muito a desejar. A Prefeitura não faz a manutenção adequada das ruas, que estão todas esburacadas. ”

Mita também não notou grandes mudanças nas relações cotidianas com os brasileiros e classifica o temperamento dos dois povos como bastante similar. “No Brasil há muitos libaneses, que também são parecidos com os cipriotas. Tanto aqui como lá as pessoas no geral são muito amigáveis, calorosas. Os brasileiros são muitos curiosos em relação a estrangeiros. Querem saber sobre tudo. Como é a vida no meu país, se o futebol é um esporte popular por lá também”

A desigualdade social e econômica intensa e visível no Brasil chamou a atenção do fotojornalista. “No Chipre não há favelas como aqui. Uma vez visitei um pequeno barraco, havia muita sujeira, um cachimbo de crack sobre a mesa. Não entendi como uma pessoa pode viver daquela maneira. E eu acho isso triste. Afinal o Brasil é um país gigantesco, incrível e rico. E apesar disso tudo, ainda há essa massiva diferença entre ricos e pobres. ” Mas aos olhos de Mita, a desigualdade também tem seu lado positivo. “Como aqui no Brasil a incidência de pobreza é maior que no meu país, as pessoas são mais generosas. Por aqui é comum que os cidadãos deem comida para pedintes nas ruas. E eu acho isso incrível. No Chipre a população é mais desconfiada. ”

Apesar da corrupção política também ser uma dificuldade vivida pelos cipriotas, o fotógrafo interpreta que a visibilidade e profundidade do problema no Brasil são muito maiores. “No Brasil a corrupção é escancarada, enquanto no Chipre ela acontece mais

por debaixo dos panos. Por exemplo, meu pai trabalhava em uma refinaria de petróleo no meu país que foi acusada de desviar cerca de 8 milhões de euros. ”

Quanto aos estereótipos geralmente associados a brasileiros no exterior, como conhecido trio carnaval, samba e futebol, Mita explica que não há muitas notícias sobre o país no Chipre e quando há são sobre esportes e grandes eventos. Ele afirma que não tinha uma imagem muito caricata do país. “Eu lia muitas coisas sobre o país. Não fiquei chocado ao vir para o Brasil. Eu imaginei que veria pobreza. No Chipre as notícias sobre o Brasil geralmente são sobre o Carnaval no Rio. Não há muitas notícias ruins sobre o país no noticiário de lá, por conta do turismo, imagino. Aliás, não há muitas notícias sobre o país em geral, apesar de amarmos futebol e os jogadores brasileiros. ” Sua esposa bauruense também explicou as características sobre o Brasil para Mita antes do casal vir para o país em definitivo. “Eu sou casado com uma brasileira. Ela sempre me disse muitas coisas sobre o país. ”

Mas o momento mais impactante em sua chegada ao território brasileiro foi ao entender que estava na casa de um dos maiores pilotos da história da Fórmula Um. “Uma coisa que realmente me deixou emocionado foi quando cheguei ao aeroporto e passamos pela rodovia Ayrton Senna. Aquilo me deixou realmente emocionado. Foi ali que me dei conta de que estava no Brasil. Vocês nomearam uma rodovia em homenagem ao cara. Isto foi incrível. ”

O idioma foi outro obstáculo para Alex. Apesar de ainda não dominar o idioma por completo, o cipriota é fala fluentemente, mas com um sotaque mediterrâneo bastante marcado. “Ainda existe a barreira da língua. Eu consigo trabalhar aqui, mas ainda é difícil. ” Apesar da dificuldade, ele relata que não demorou muito tempo para começar a arriscar no idioma. “O português tem muitas palavras que têm origem grega. Então eu pegava essas palavras e tentava usar meu inglês com a minha esposa e tentava colocar as coisas no lugar. Acabei aprendendo por mim mesmo. Não foi tão difícil. ”

A violência urbana, apesar de não ser inesperada, causou um certo choque no fotógrafo cipriota. “No meu país, minha casa e meu carro ficam destrancados. As

janelas ficam abertas. Não há cercas elétricas. Não há condomínios ou segurança privada nos edifícios. As pessoas vivem. Então foi um grande choque para mim. Em minha casa às vezes me sinto como se estivesse em uma prisão, com muros e cercas.

”

Retorno

Apesar do histórico conflituoso do país, as situações têm melhorado gradativamente. Segundo Mita, no momento há negociações entre os dois lados da sociedade cipriota para uma possível reunificação do país. “As pessoas estão acordando agora. Se isto realmente acontecer, preciso voltar para lá. Preciso fotografar este momento”, exclama Mita.

Alex tenta visitar sua família com frequência, mas o alto preço da passagem e o nascimento de seu filho têm impossibilitado as viagens. “Eu sempre tento voltar uma vez por ano. Mas agora tem o bebê. E não é barato ir para o Chipre. Fica cerca de R\$ 10 mil para fazer a viagem. É realmente caro. Mas ano que vem eu pretendo ir. ”

Quando questionado sobre a possibilidade de fazer o caminho de volta definitivamente, Mita fecha o rosto e deixa clara a saudade que sente de sua terra natal. “Vou te dizer uma coisa: não há lugar como a nossa casa. Não sei como te explicar. O Chipre é uma ilha, então ir a praia leva 30 minutos. Aqui são 5 horas. Mas não é só isto. Tem algo sobre meu país que eu nunca encontrei em qualquer outro país que visitei. É o cheiro. O cheiro do mar, o cheiro das montanhas. Não há nada assim em qualquer lugar. Ao menos para mim é o país mais bonito do mundo. Mas não é tão bonito. A paisagem muda ao longo do ano. No verão tudo é amarelo. No inverno e na primavera tudo é verde. Sabe, me corta o coração estar longe do meu país. Um dia eu vou voltar. Eu serei enterrado no meu país. Um belo povo, uma excelente comida. ”

- Conteúdo disponibilizado no site:

<https://readymag.com/u77272134/imigrantesembauru1/>